

DOCÊNCIA E IDENTIDADE PROFISSIONAL DO PROFESSOR DE SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO

TEACHING AND PROFESSIONAL IDENTITY OF PROFESSOR OF SOCIOLOGY OF EDUCATION MEDIO

Maria das Dôres de Sousa⁸

Márcia Maria Gurgel Ribeiro⁹

RESUMO

O artigo apresentado segue com o propósito de discutir os elementos constitutivos acerca da docência e da identidade profissional do professor de Sociologia do Ensino Médio, a partir de uma maior aproximação com as ações que realizam e que conseguem atribuir sentidos. Expõe os depoimentos dos professores para dialogar com eles a respeito do seu trabalho pedagógico e os sentidos que atribuem à profissão e as suas identidades profissionais em construção.

Palavras-chave: Professor de Sociologia. Ensino Médio. Identidade profissional.

INTRODUÇÃO

⁸ Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN. Docente da Universidade Federal do Piauí. E-mail: dasdores@firme.com.br.

⁹ Doutora em Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN. Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: mgurgelribeiro@hotmail.com

O presente artigo apresenta resultados parciais de um estudo mais amplo sobre a docência e a identidade do professor de Sociologia do Ensino Médio (SOUSA, 2012), cujo objetivo geral foi compreender as inter-relações entre o saber-fazer e a construção da identidade profissional dos professores de Sociologia, que atua em escolas públicas estaduais da cidade de Picos - PI.

Partimos do pressuposto de que a construção da identidade profissional é um processo complexo, sempre inacabado e permanentemente reconstruído, graças ao qual cada indivíduo se apropria do sentido da sua história pessoal e profissional, necessitando de tempo para internalizar inovações e mudanças. O saber-fazer do professor se dá de forma também complexa e em um contexto específico no qual o professor toma decisões durante a sua realização, a partir dos saberes práticos e teóricos mobilizados na realização da ação.

Dessa maneira, o texto que ora se inicia segue com o propósito de discutir os elementos constitutivos acerca da docência e da identidade profissional dos professores de Sociologia do Ensino Médio, a partir de uma maior aproximação com as ações que realizam e que conseguem atribuir sentidos.

O artigo está estruturado em partes inter-relacionadas. Inicialmente, situamos nos estudos de diversos autores estrangeiros e brasileiros, as contribuições sobre a docência e o processo de constituição identitária. Em seguida, apresentamos as referências teórico-metodológicas que construímos para realização da pesquisa que fundamenta esse estudo. Dando continuidade, abordamos outros aspectos nesse artigo que dizem respeito ao ser e estar na profissão docente, analisados a partir das histórias de vida e de profissão dos participantes do estudo. Abordamos, ainda, as concepções identitárias do professor de sociologia, revelando os sentidos que atribuem a si mesmos permeados pelas dimensões social e individual. Finalizando, apontamos elementos de conclusão do estudo, que apontam para as contribuições possíveis para repensarmos as formas de ser e de estar na profissão docente.

CONTRIBUIÇÕES SOBRE A ATIVIDADE DOCENTE

Trazemos, nesse item, algumas contribuições de autores brasileiros e estrangeiros sobre a atividade docente e suas implicações para a constituição da identidade profissional docente.

A complexidade que caracteriza a atividade docente tem sido elemento de reflexão sobre os processos formativos e os conhecimentos essenciais para a atuação desse profissional. Segundo, Tardif e Lessard (2008, p. 41) “a atividade docente no contexto escolar não tem nada de simples e natural, mas é uma construção social que comporta múltiplas facetas e cuja descrição metódica implica necessariamente em escolhas epistemológicas”. Isso significa dizer que o professor precisa dominar os conhecimentos científicos elaborados por áreas específicas e o saber sobre os processos didáticos e pedagógicos, essenciais para a difusão e a socialização desses conhecimentos.

Na visão de Nóvoa (1999, p. 29), os professores têm de reencontrar novos valores que não reneguem as reminiscências mais positivas (e utópicas) do idealismo escolar, mas que permitam atribuir sentido e significado à ação presente. Assim, eles precisam edificar normas de funcionamento e regulações profissionais que substituam os enquadramentos administrativos do Estado. “A adesão a novos valores pode facilitar a redução das margens de ambiguidade que afetam hoje a profissão docente”.

Ainda para esse autor, a compreensão contemporânea dos professores implica uma visão multifacetada que revela toda a complexidade dos problemas que se encontram à vista de todos, como: desmotivação pessoal e elevados índices de abandono, insatisfação profissional traduzida numa atitude de falta de investimento e de indisposição constante (face ao Ministério, aos colegas, aos alunos etc.). Por outro lado, verifica-se que, apesar de toda a problemática enfatizada por Nóvoa (1999) anteriormente, a imagem do

professor ainda é positiva, em virtude do papel educativo que exerce na sociedade.

Dessa forma, apreendemos que desenvolver um estudo acerca do trabalho docente, seja no campo da Sociologia, seja no de outras áreas específicas, é uma tarefa longa, realizada no interior e exterior da profissão. É preciso olhar os conhecimentos internalizados pelos professores no processo de sua formação e as experiências adquiridas por meio das ações que realizam no cotidiano da escola, pois não existe um saber-fazer desligado de implicações de valores, de consequências sociais e de opções epistemológicas acerca do conhecimento transmitido.

Concordamos com Nóvoa (1995, p. 16-17), quando comenta que “cada um tem o seu modo próprio de organizar as aulas, de se movimentar na sala, de se dirigir aos alunos, de utilizar os meios pedagógicos, um modo que constituiu uma espécie seguida pelo profissional”. A maneira como cada um ensina depende diretamente daquilo que é e naquilo que acredita enquanto pessoa.

Essa maneira de pensar é compartilhada por Tardif (2002), ao dizer que o professor elabora seu próprio conhecimento a partir das experiências vividas, resultando em uma pluralidade de saberes que vão construir sua identidade profissional. Os saberes que se encontram na base da sala de aula são, para esse autor, multifacetados, situados e ligados à ação política.

Para Schön (1997), a capacidade de refletir sobre o seu fazer leva o professor a ser capaz de analisar a sua prática e, a partir dela, de desenvolver uma ação autônoma no sentido de criar e recriar a estratégia de ensino. Nesse processo de construção, ele vai consolidando gestos, rotinas e comportamentos, com os quais se identifica como professor.

Nessa perspectiva, a construção de identidade profissional relaciona-se às formas como o professor se reconhece não apenas na profissão, mas também como sujeito singular e construtor de sua história pessoal. Segundo Ribeiro (1997) o indivíduo constrói o sentimento sobre si, tomando consciência

da sua existência como sujeito social, com uma história de vida singular”. Por conseguinte o estabelecimento de identificação implica também em um processo sempre em construção/reconstrução, um processo inacabado, funcionando como uma referência para analisar a estrutura da consciência dos indivíduos sobre o mundo e, conseqüentemente, sobre eles mesmos.

Nesse sentido, a identidade se desenvolve a partir de um processo social internalizado e reelaborado pelo próprio indivíduo, envolvendo aspectos relacionados à consciência da sua existência como sujeito social com uma experiência particular que contribui para uma nova visão de mundo, de sociedade e de si mesmo.

No entendimento de Dubar (2005), a incorporação da identidade pelos próprios indivíduos só pode ser analisada no interior das trajetórias sociais nas quais eles constroem “identidades para si”, que nada mais são que a história que eles contam sobre o que são.

No mesmo sentido, Ciampa (2007, p. 86) assegura que o indivíduo isolado é uma abstração: “Uma identidade que não se realiza na relação com o próximo é fictícia, é abstrata, é falsa”. Nessa perspectiva, a identidade deve ser entendida como a fonte de significado e experiência de um povo, não como questão apenas científica, ou meramente acadêmica: é, sobretudo, uma questão social e política.

Estudos culturais fundamentados nas perspectivas teóricas pós-estruturalistas, sistematizados por Hall (2004, 2006), asseguram que os papéis sociais e culturais não são entendidos como rígidos e fixos e que a formação identitária dos sujeitos está posta em conflitos, sofrendo mudanças que correspondem a fenômenos de descentramento e de deslocamento.

No campo da educação, Brzezinski (2002, p. 118) afirma que “a identidade na educação deve ser concebida como prática social caracterizada como ação de influência e grupos destinada à configuração da existência humana. As práticas sociais, entre elas a educativa, são eminentemente construções sociopolíticas e históricas”.

De acordo com Pimenta (1999), o sujeito localizado no tempo e no espaço, por meio de sua ação, constrói o conhecimento e o seu fazer profissional, de acordo com as possibilidades existentes em seu espaço/tempo histórico-cultural.

Realçamos, ainda, que a compreensão da identidade profissional requer pensá-la como dimensão que norteia e distingue uma profissão da outra, delimitando diferenciações, contornos, especificidades e complexidade. Comungamos com as ideias de Pimenta (2007), ao assegurar que a identidade profissional articula-se ao sentido pessoal e social que a profissão tem para a pessoa na sua coletividade com os seus pares e aos significados que assume enquanto representação da profissão. Dessa feita, a identidade profissional docente decorre do sentido que cada professor confere à atividade docente no seu cotidiano escolar, articulado ou contraposto ao reconhecimento sociocultural da profissão.

ALGUMAS REFERÊNCIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

A imersão no campo empírico da pesquisa se constituiu em realizarmos procedimentos como a análise documental, aplicação de questionário; entrevistas semiestruturadas e observações sobre a prática dos professores. Nesse artigo, no entanto, trazemos os depoimentos dos professores, construídos por ocasião das entrevistas para dialogar com eles sobre suas experiências na docência e os sentidos que atribuem à profissão e as suas identidades profissionais em construção.

A faixa etária dos professores de Sociologia do Ensino Médio que compôs este estudo varia entre 26 e 41 anos revelando um corpo docente ainda jovem na profissão. Tratando da formação os dados indicaram que existe apenas um professor com formação acadêmica em nível de graduação em licenciatura em Ciências Sociais. Quando se refere à formação de pós-graduação em nível de especialização, a predominância é do especialista em

Sociologia e História com dois professores formados nessas áreas. Observamos também que são os pedagogos que, em maior número, ministram a disciplina de Sociologia nas escolas públicas estaduais de nível médio pesquisadas da cidade de Picos. Tal fato decorre provavelmente da formação que esses profissionais recebem na disciplina Sociologia da Educação, no curso de Pedagogia.

Quanto ao vínculo empregatício, apenas dois professores têm contrato efetivo, os demais são professores seletistas/substitutos, com contrato temporário de até dois anos. Isso reflete a política educacional do Estado, que não tem realizado concurso público para o magistério. Quando há, o número de vagas para professor de Sociologia tem se mostrado insuficiente para atender a demanda da disciplina. Entretanto, a realização de testes seletivos tem ocasionado a rotatividade de parte dos professores nas escolas públicas estaduais, acarretando sérios problemas à educação.

O tempo de experiência no magistério varia de dois a vinte e três anos. Como professor de Sociologia, o tempo de experiência varia de dois a onze anos. Esse aspecto está relacionado com a recente inclusão da Sociologia no Ensino Médio. Os professores com mais experiência são os que têm formação em Pedagogia, que ministravam Sociologia da Educação na Escola Normal. Contudo, todos possuem no mínimo dois anos de experiência como professor de Sociologia no Ensino Médio.

Conforme outros dados do questionário, todos fizeram cursos de aperfeiçoamento nos últimos cinco anos, sendo 50% na área da educação como redação e inglês, entre outros e 50% em outras áreas como gerente de serviço, oratória em público e outros. Outro fator avaliado foi o de que todos lecionam de duas a três disciplinas, além da Sociologia. São elas: Filosofia, Ensino Religioso, História, Artes, Prática de Ensino e Redação, o que ocorre, segundo os professores pesquisados, para completar a carga horária exigida pela escola.

Uma vez apreendido o campo da pesquisa e os traços do perfil dos professores de Sociologia investigados analisamos neste artigo os dados

originados nas entrevistas individuais e coletiva com o apoio metodológico de alguns procedimentos da análise de conteúdo, nas proposições de Bardin (1977) e de Franco (2008), com o intuito de compreender os sentidos que eles atribuíram ao seu saber-fazer pedagógico e como esses sentidos se inter-relacionam com a construção da sua identidade profissional.

SER E ESTAR NA PROFISSÃO DOCENTE

Ao tomarmos como eixo de interpretação as histórias sobre ser e estar na profissão referentes aos professores de Sociologia do Ensino Médio, procuramos conduzir as análises a partir de questões sobre as suas histórias de vida e da profissão docente, por exemplo: como se formou? Como ocorreu seu ingresso na profissão?

A partir dessas questões, buscamos estabelecer um diálogo, ouvir suas vozes, seus sentimentos sobre si próprios e, sobretudo, a respeito de seu trabalho pedagógico. Compreender os sentidos que eles atribuem à profissão docente, ou seja, como entendem o seu trabalho e que sentidos conferem ao seu saber-fazer, foi um aspecto especialmente destacado nesse diálogo para caracterizar e analisar o seu jeito de ser professor e identificar como vão emergindo traços dos processos identitários docentes, relacionados com as histórias pessoais, sociais, políticas e profissionais.

Notadamente, suas motivações primeiras sobre como se formou são relatadas por fatos que figuram nas suas lembranças como determinantes da escolha profissional. Uns tinham um olhar para a profissão de advogado, outro tinha interesse pelo mercado de trabalho e outros sempre se sentiram atraídos pela docência, pois já pensavam em ser professor antes de ingressarem na carreira.

As condições socioeconômicas da família e as oportunidades de trabalho exerceram forte influencia para alguns serem e estarem na profissão docente,

deixando de realizar suas primeiras pretensões profissionais. Entretanto podemos perceber por meio das análises dos dados que todos encontraram sentidos no exercício do ser professor, atuando de modo competente, buscando alternativas para superar as dificuldades vivenciadas no cotidiano da escola e especialmente na sala de aula.

Conforme vimos anteriormente, a formação não é privilégio dos professores de Sociologia das escolas pesquisadas, somente um professor tem qualificação específica na área do ensino de Sociologia, essencial para desenvolver os procedimentos de ensino-aprendizagem que assegurem a aprendizagem do conteúdo teórico da disciplina. Os outros tornaram-se professores de Sociologia por carência da escola ou para completar sua carga horária. Em conformidade com as análises dos dados os aspectos que mais contribuíram na constituição do vir a ser professor de Sociologia foram: ter cursado a disciplina de Sociologia na graduação e ter a formação em Pedagogia. Assim, a indicação para ministrarem a disciplina de Sociologia está relacionada com os saberes da experiência, tendo em vista que tinham algumas experiências anteriores com certo conhecimento na área.

Dessa maneira, para se compreender o saber-fazer que o professor de Sociologia realiza em sala de aula e estabelecer as inter-relações entre o saber-fazer e a construção da identidade profissional, partimos neste estudo da ideia de que precisamos olhar não só os conhecimentos obtidos no processo de formação, mas também os saberes da experiência adquiridos no cotidiano da escola. Entendemos que não existe um saber-fazer desligado de implicações de valor, de consequências sociais e de opções epistemológicas acerca do conhecimento que se transmite, fortalecendo a ideia de que a formação de professores requer a mobilização de vários tipos de saberes, entre eles o da experiência, que emerge no exercício da atividade profissional. Todavia, é importante a formação teórica específica na área em que o professor atua para se desenvolver um saber-fazer que caracterize o ensino da disciplina, seja ela qual for. Nessa perspectiva, Brzezinski (2002, p. 15) argumenta que “a política de formação e profissionalização do magistério parte da concepção de que o professor é o profissional que domina o conhecimento

específico de uma área e os saberes pedagógicos em uma perspectiva de totalidade”. Isso permite ao professor perceber as relações existentes entre as atividades docentes e a globalidade das relações sociais, políticas e culturais em que o processo educacional ocorre.

Quando se busca refletir sobre a ação docente, de imediato aparece à questão da formação. Para fundamentar melhor essa discussão, citamos alguns autores que vêm desenvolvendo estudos sobre a formação de professor, como Guimarães (2009, p. 17), que afirma ser “a formação de professor uma das temáticas que mais frequentemente têm estado presentes nas discussões acerca da educação escolar no Brasil nos últimos vinte anos”. Essa discussão se deve em parte ao débito do país em relação à ausência de uma educação de qualidade e à má formação dos nossos professores. Essa realidade fustigou um amplo esforço dos movimentos de educadores no Brasil, os quais, na prática social e política, foram percorrendo etapas distintas de sua história, absorvida sucessivamente até a sua estruturação final na ANFOPE (1993), que é “uma entidade científica civil, sem fins lucrativos, sem caráter religioso, nem político-partidário e gozando de autonomia frente ao Estado”. (NONATO; SILVA, 2002, p. 66). Sem dúvidas, o movimento de educadores trouxe progressivas conquistas, tanto no campo da formação política dos professores quanto no das políticas educacionais e programas de formação.

Em Sacristán (1999), encontramos aspectos essenciais para o desenvolvimento e a definição do trabalho docente como as formas do fazer, definidas pelas decisões que o professor toma durante a realização do seu trabalho, como profissional do ensino.

Ainda de acordo com o referido autor acordo, a autonomia do professor é um paradoxo. Ora lhe atribuem autonomia, ora controlam ou negam, ora lhe atribuem responsabilidades pelo insucesso escolar, negam ou banalizam a sua profissão, ora o reconhecem como sujeito essencial no processo de produção cultural e escolaridade da sociedade.

Desse modo, o trabalho do professor deve ser permeado por uma compreensão histórica da sociedade, para que possa desenvolver uma prática

contextualizada, utilizando-se de conhecimentos para entender a capacidade do espírito humano, explicitar e construir um sentido para todos os aspectos da experiência vivida por ele e pelos alunos no cotidiano escolar.

Tendo em vista que as mudanças que vêm se propagando no campo educacional provocadas pelas transformações aceleradas no mundo globalizado exigem que a escola, por meio de seus agentes de ensino, adote novas posturas e abordagens pedagógicas, configuradas em um projeto político-pedagógico que objetive uma política educacional voltada para a valorização do docente e para a melhoria das condições de trabalho nas instituições de ensino.

Entretanto, a escola em que o professor desenvolve suas relações de trabalho constitui-se uma fonte de situações complexas, por ser nela onde o professor se depara com os problemas, as dificuldades referentes ao exercício da docência e uma diversidade de situações que fragiliza e fragmenta o seu saber-fazer pedagógico, levando muitas vezes a um descrédito por parte de si mesmo e seus pares.

Neste sentido, dois professores pesquisados se queixam da falta de reconhecimento da disciplina de Sociologia por parte da direção e de professores de outras disciplinas.

Na escola Vidal de Freitas, sentia um pouco de rejeição. Isso deixa você desmotivado, você se sente desvalorizado, é como se alguém quisesse lhe isolar, achando que seu trabalho não vale a pena, se você não tiver um alto controle, termina se isolando, achando que os outros são melhores que você, acham-se mais dignos do que o professor de Sociologia. (Professor Daniel, entrevista n. 6, em 27/03/09).

No primeiro colégio que trabalhei (Miguel Lidiano) quando me apresentei como professora de Sociologia, na montagem do horário, queria deixar a Sociologia sempre por último, talvez porque não considerasse tão importante. Eu sou muito curiosa e perguntei: por que essa disciplina ficava sempre para os últimos horários? E a diretora me respondeu: é melhor o aluno faltar uma aula de Sociologia do que uma aula de Português e

de Matemática. Eu fique preocupada, porque na verdade essa disciplina é muito importante na formação do indivíduo. (Professora Rosa, entrevista n. 2, em 06/03/09).

As falas acima são reveladoras da discriminação e da desvalorização que a disciplina e o professor de Sociologia vivenciam na escola. Esse processo de desvalorização e de rejeição vivenciado por tais professores está ligado às formas de tratamento que a disciplina vem sofrendo ao longo dos anos, uma consequência direta de sua inconstante presença no currículo das escolas de nível médio no Brasil.

Em suma, sendo o professor um ser que compartilha conhecimentos, valores e crenças, a identidade docente se expressa pela soma de elementos participantes do seu saber-fazer e do seu agir, entrecruzando com a história de vida, que se dá em um contexto psicossocial compartilhado, no qual foram construindo a sua identidade profissional docente.

CONCEPÇÕES IDENTITÁRIAS DO PROFESSOR DE SOCIOLOGIA: SENTIDOS DE SI MESMO

Na sociedade moderna, a questão da identidade está em pauta como um tema complexo, por ser formulado e reformulado por diversas áreas do conhecimento, como a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, a Psicanálise, a Filosofia, entre outras. Esses campos utilizam-se dos mais variados termos, como individualidade, personalidade, pertencimento, alteridade, ego, consciência etc., para definir os atributos do conceito. Todos estão voltados para a formação da identidade da pessoa, construída em toda sua existência nas representações de cada indivíduo: a identidade para si – processo biográfico; e nas relações com os outros: a identidade para o outro – processo relacional, social e cultural. (DUBAR, 2005).

Consideramos pertinente o diálogo com os diversos campos do

conhecimento enfatizados, mas devemos esclarecer que a matriz teórica que explicita a construção permanente da identidade dos professores de Sociologia do Ensino Médio investigados neste trabalho fundamenta-se em um enfoque de base histórico-cultural e social. Tal enfoque encontra-se subsidiado por pressupostos sociológicos fundamentados em Dubar (2005), que analisa o conceito de identidade articulando-o a diferentes reflexões sobre as teorias da socialização, nas vertentes teóricas pós-estruturalistas de Hall (2004, 2006) investigador das identidades culturais.

Observamos que tanto do ponto de vista histórico-cultural quanto do psicossocial o processo identitário se caracteriza como movimento, como algo dinâmico. Embora possamos nos ver, segundo o senso comum, como a mesma pessoa em todos os nossos diversos encontros e interdições, não é difícil perceber que somos distintos e posicionados em diferentes momentos e lugares, de acordo com os papéis sociais que estamos exercendo. Dessa forma, o processo de construção da identidade decorre das atividades desempenhadas e das experiências vivenciadas cotidianamente nos espaços sociais que dão concretude a tais atividades. Por exemplo, na instituição escolar, o professor vai construindo a sua identidade docente de acordo com o seu saber-fazer, com as concepções que tem de si mesmo e com as expectativas da sua profissão docente. Sendo assim, o professor, ao desempenhar a sua função docente, integra diferentes modelos resultantes de seu processo formativo, de sua capacidade de executar o trabalho e dos contextos do seu mundo pessoal e social.

Nesse sentido, Dubar (2005, p. 135) assevera que a “identidade para si e identidade para o outro são ao mesmo tempo inseparáveis e ligadas de maneira problemática. Inseparáveis, uma vez que a identidade para si é correlata ao Outro e ao seu reconhecimento: nunca sei quem sou a não ser no olhar do Outro”. Isso não implica dizer que esses dois mundos sejam necessariamente coincidentes.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento e a formação profissional docente, permeados pelas dimensões social e individual, contribuem para a

configuração da identidade socioprofissional. Diante dessas possibilidades advindas dessas dimensões, procuramos nos depoimentos dos professores de sociologia investigados elementos que permeiam a construção da sua identidade docente, tomando como referências os sentidos que revelam as atribuições identitárias profissionais, a partir dos questionamentos: como se percebem perante as relações que envolvem o exercício profissional? Quais as concepções que têm sobre si mesmos no exercício da docência? Reconhece-se como professor de Sociologia?

Esses são questionamentos que nos conduziram a entender a dimensão imaginária de como se constitui o ser professor e a buscar as significações atribuídas a fatos, desejos, crenças, valores, com os quais é construído o seu saber-fazer pedagógico. Dessa feita, reunimos os argumentos dos entrevistados sobre si mesmos como professores de Sociologia e fomos estabelecendo as inter-relações entre o seu saber-fazer e a construção da sua identidade profissional. Vejamos os depoimentos abaixo:

Me identifico com a disciplina porque é uma disciplina que você trata da comunidade, dos relacionamentos político, econômico, cultural e religioso. Não tenho nenhuma dúvida, sou realizado profissionalmente. Mas tem o lado financeiro que atrapalha o professor. (Professor Marcos, entrevista coletiva n. 1, em 06/12/08).

Me sinto uma pessoa realizada, apesar de às vezes desestimulado pelas condições de trabalho e de salário diante das dificuldades até mesmo da desvalorização do próprio aluno, como também das gestões da própria escola que às vezes não acolhem bem o professor. (Professor Valter, entrevista coletiva n. 1, em 06/12/08).

Tem hora que me sinto sozinho dentro da disciplina, isolado dos colegas das outras disciplinas e da escola, mas me sinto reconhecido pelos alunos como professor de Sociologia, eu me sinto também pessoalmente. Me vejo professor de Sociologia porque sou, posso não ser de direito, porque não tenho a formação na área, mas na prática eu sou, se me escolheram, me sinto bem também com isso. (Professor Petrônio, entrevista coletiva n. 1, em 06/12/08).

Me identifico com a Sociologia porque está ligada à sociedade, à informação, isso para mim é uma coisa maravilhosa. A força motriz para a disciplina funcionar é o amor pela educação. (Professor Daniel, entrevista coletiva n. 1, em 06/12/08).

Fui trabalhar com Sociologia para completar a carga horária, como eu já lhe disse. Hoje me vejo mais como professor de Sociologia do que de outra disciplina. Estou aprendendo muito com os alunos porque você não pode se considerar pronto, o conhecimento se vai adquirindo nessa troca. (Professora Rosa, entrevista coletiva n. 1, em 06/12/08).

Sentimentos dos mais variados foram explicitados nos depoimentos dos entrevistados ao descreverem as suas impressões sobre as condições de trabalho, de salário, de amor pela disciplina e pela educação. Todos eles expressam uma identificação com a disciplina de Sociologia, dizendo-se satisfeitos e realizados profissionalmente. Entretanto, uns reclamam da desvalorização da disciplina na escola por parte de alunos, gestores e colegas professores, os quais não reconhecem o valor da Sociologia. Outro manifesta um modo de existir, de ser, de se perceber como professor de Sociologia, às vezes, sozinho, isolado, mas, por outro lado, também se sente bem na profissão, o que revela marcas subjacentes de um processo identitário em conflito. Outros reclamam dos baixos salários decorrentes das políticas públicas governamentais que repercutem de forma negativa nas condições de trabalho, tornando-as muito precárias, bem como na baixa autoestima do professor, que passa a se vê como um profissional desvalorizado política e socialmente, sobrevivendo com um salário que não condiz com as responsabilidades da profissão.

De acordo com Pereira e Martins (2002, p. 114), “as políticas governantes vêm, gradativamente, promovendo o congelamento salarial e retirando uma série de vantagens e conquistas da categoria obtidas ao longo da vida profissional”.

Outras feições evidenciadas nos depoimentos estão relacionadas com o amor pela profissão e o conhecimento adquirido com o aluno. Todos mantêm

relações interpessoais e sociais intrinsecamente relacionadas com o outro – traços que assinalam marcas da identidade profissional.

A eficiência do amor é considerada por um entrevistado a força motriz para o êxito profissional. Essa é uma concepção de educação em que é reproduzida a ideologia da missão de sacerdócio. A postura do amor por mera vocação desvincula a concepção do professor como profissional pertencente a uma categoria que deve pensar e buscar a superação dos obstáculos e dos problemas que enfrentam na profissão docente que, segundo Silva (1995, p. 83), “parece bloquear a percepção crítica dos determinantes da profissão, gerando a mistificação, quando não o masoquismo”. Está relacionada com um sentimento de impotência diante dos desafios e dos problemas que enfrentam enquanto professores de Sociologia, no dia a dia da sala de aula, a começar pela falta de qualificação na área, uma vez que só um professor tem a formação em Ciências Sociais, pela escassez de material didático para trabalhar a disciplina, entre outros.

Outro aspecto evidenciado nos depoimentos de dois professores foi que o aluno tem uma marca forte no processo de formação de sua identidade profissional. Nessa perspectiva, Ribeiro (2009, p. 129) entende que “a identidade se constrói permanentemente a partir da internalização das identificações e/ou oposições sucessivas com outros indivíduos significativos no campo de produção das relações sociais”.

Assim, fomos apreendendo durante as análises que os sentidos que os professores emitiram sobre si mesmos no exercício da docência iam ganhando significado exatamente em relação ao outro – uma afirmação de alteridade, elemento importante na dinâmica da construção de suas identidades. De acordo com Rios (2006, p. 132, grifo do autor), “o indivíduo ganha sua identidade na relação intersubjetiva – afinal, eu sou o *outro do outro*. A identidade se ganha na afirmação da alteridade. *Alter* – [...] Quando deixo de considerar o outro como alguém que me faz ser eu, [...] estou rompendo com a alteridade e até mesmo com a minha identidade”. Isso quer dizer que toda reflexão sobre o outro não é senão o avesso de uma indagação sobre si

mesmo. “Toda identidade singular é relativa à outra inserida na relação com outrem”. (AUGÉ, 1999, p. 51).

Sob a perspectiva da construção da identidade profissional, verificamos por meio dos depoimentos analisados que todos os professores de Sociologia investigados se identificam com a disciplina, uns sentido-se às vezes desanimados, outros maravilhados, encantados, havendo ainda aqueles que afirmam estarem aprendendo muito. Com tais sentimentos, fomos apreendendo dimensões que se inter-relacionam entre o saber-fazer e a construção da identidade profissional docente, concebida por Pimenta (1999) como um processo em transformação, uma construção do sujeito historicamente situado.

Nesse sentido, a construção da identidade expressa e exprime as dimensões pessoais e sociais representadas por cada professor em suas relações sociais de docência, em seu modo de ser professor.

Nessa perspectiva, Ribeiro (2009, p. 129) afirma que “os processos identitários se movimentam na medida do que vir a ser no espaço educativo, traçando fio de uma trama que se constitui no que somos, no que queremos ser e no que fizemos, traduzindo o modo de pensar sobre as experiências de estar no mundo e na profissão”. Sendo assim, a identidade é construída no exercício profissional, no convívio com outras pessoas e com grupos sociais mais amplos. Isso significa dizer que a identidade não é dada, nem aparece pronta. “Ela é sempre construída e deverá ser (re) construída em uma incerteza mais ou menos duradoura”. (DUBAR, 2005, p. 135).

Com esta perspectiva, fomos buscar nos depoimentos das entrevistas que realizamos em sala de aula os sentidos que validaram a constituição da identidade profissional dos professores de Sociologia investigados neste estudo. Vejamos a seguir os seus depoimentos:

Minha identidade como professor de Sociologia está sendo construída, apesar do pouco tempo, me percebo professor de Sociologia. Eu penso que a identidade da pessoa, no decorrer do tempo, através das concepções, vai mudando, ela é

importante e deve ser trabalhada, deve ser lapidada. A própria vida se encarrega de nos ensinar a ter uma identidade condizente com a sociedade. (Professor Daniel, entrevista coletiva n. 1, em 06/12/08).

Minha identidade eu me encontro com ela. Percebo-me, me sinto bem. Tenho um perfil, eu acho mais comprometido, eu diria com a causa socialista, mais coletivo, essa é que eu considero a minha identidade. Mas ao mesmo tempo essa identidade nunca deixa de ser aperfeiçoada ao longo do dia a dia, sempre está em constante formação, em constante modificação, em constante transformação. Quanto mais vivo, quanto mais trabalho, mais eu vou construindo e aperfeiçoando a minha identidade. Sinto-me reconhecido pelos alunos como professor de Sociologia, eu me sinto também pessoalmente. (Professor Petrônio, entrevista coletiva n. 1, em 06/12/08).

Eu estou tentando construir, estou começando, estou engatinhando, como te falei, eu quero crescer dentro dessa área, quero que da próxima vez que você me convidar para fazer outra entrevista ter outra opinião, estou me encontrando. (Professora Rosa, entrevista coletiva n. 1, em 06/12/08).

Me percebo professor de Sociologia, me sinto feliz e tenho a dizer que a minha identidade é essa, eu seria professor de Sociologia se tivesse de começar do início tudo de novo. (Professor Valter, entrevista coletiva n. 1, em 06/12/08).

Me sinto professor de Sociologia como já havia falado porque o curso de Ciências Sociais dá uma abertura para você trabalhar a área de humana: História, Sociologia, Geografia, Economia. (Professor Marcos, entrevista coletiva n. 1, em 06/12/08).

Verificamos que as histórias por eles contadas sobre a sua identidade profissional, apesar de parecidas, possuem suas singularidades, sua própria identidade. Cada história é única e deve ser tratada como tal. Para Dubar (2005, p. 139), “[...] à incorporação da identidade pelos próprios indivíduos. Ela só pode ser analisada no interior das trajetórias sociais pelas e nas quais os indivíduos constroem ‘identidades para si que nada mais são que’ a história que eles se contam sobre o que são”.

Do ponto de vista dos depoimentos acima, a identidade profissional dos entrevistados foram se constituindo no desenrolar das experiências, no exercício da docência, nas interações que se processaram na escola e na

sociedade em conformidade com a evolução de suas vidas, no âmbito pessoal e sociocultural, através das quais se constrói a identidade para si e para o outro.

De um modo geral, todos os entrevistados se percebem professores de Sociologia. Porém, os professores que não têm a formação específica na área de Ciências Sociais, concebem a sua identidade profissional em construção permanente, encontrando-se em um processo de aperfeiçoamento, em constante modificação e transformação. Diferentemente, dos professores com formação em Ciências Sociais, que percebem-se e sentem-se professores de Sociologia. De acordo com Pimenta (1999), a profissão de professor vai se modificando ao longo de tempo para responder as necessidades de realidade social. Para ela, a identidade do profissional da educação não é algo estático, fixo, é um dado mutável, dinâmico, emergindo “[...] em um contexto histórico como resposta às necessidades postas pelas sociedades, adquirindo estrutura de legalidade”. (PIMENTA, 1999, p. 18).

Por fim, a partir do entrelaçamento dos depoimentos das entrevistas, apreendemos que as identidades dos professores de Sociologia investigados expressam aspectos pessoais e socioprofissionais engendrados no contexto sociocultural e educacional ao qual pertence e vivenciam inúmeras relações sociais que marcam as diferentes formas de ser e estar na profissão docente.

ALGUNS ELEMENTOS (IN)CONCLUSIVOS

À medida que íamos analisando os depoimentos dos entrevistados, fomos percebendo que os professores de Sociologia sujeitos deste estudo são e estão na profissão docente por circunstâncias as mais variadas, entre elas a formação acadêmica, a carência da escola ou para completar carga horária exigida pela escola. Desta forma, fica evidenciado que a atuação de tais professores está relacionada aos aspectos constitutivos da profissão docente na qual partilham uma cultura, derivando seus conhecimentos, habilidades,

colaboração e organização, elementos que se entrecruzam com as instâncias individuais e coletivas do ser professor.

Enfim, neste artigo, abordamos algumas questões centrais presentes no debate sobre docência e a identidade profissional do professor de Sociologia do Ensino Médio, produzidas no trabalho pedagógico. Por meio dos depoimentos expressaram valores, aprendizados, realizações, satisfações, reconhecimentos, solidão, discriminação e desvalorização, perfazendo uma rede de relações dinâmicas e conflituosas no decorrer da profissão, marcas de uma identidade profissional em construção, em movimento, em transformação - configurando traços de uma identidade em conflito - inter-relacionada com o saber-fazer pedagógico, construído por meio dos saberes do conhecimento de formação e dos saberes das experiências.

REFERÊNCIAS

- AUGÊ, Marc. **O sentido dos outros**: atualidade da antropologia. Tradução de Francisco Manoel da Rocha Filho. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Rego e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edição 70, 1977.
- BRZEZINSKI, Iria. **Profissão professor**: identidade e profissionalização docente. Brasília: Plano, 2002.
- CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- DUBAR, Claude. **A socialização**: a construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FRANCO, Maria Loura Barbosa. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2008. (Coleção Série Pesquisa, v.6).
- GUIMARÃES, Valter Soares. **Formação de professores**: saberes, identidade e profissão. 4. ed. Campinas: Papyrus, 2009. (Coleção Entre Nós Professores).
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 103-131.
- NÓVOA, Antônio. O passado e o presente dos professores In: NÓVOA, Antônio. **Profissão professor**. 2. ed. Porto: Porto, 1999. p. 13-62. (Coleção Ciências da Educação, n. 3).
- NÓVOA, Antônio. **Vida de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 1995. (Coleção Ciência da Educação).
- NONATO, Antonio Ferreira; SILVA, Eleuza de Melo. Movimento de educadores e o curso de Pedagogia em questão. In: BRZEZINSKI, Iria (Org.). **Profissão professor**: identidade e profissionalização docente. Brasília: Plano, 2002. p. 53-93.
- PEREIRA, Liliana Patrícia Lemus Sepúlveda; MARTINS, Zildete Inácio de Oliveira. A identidade e a crise do profissional docente. In: BRZEZINSKI, Iria. **Profissão professor**: identidade e profissionalização docente. Brasília: Plano, 2002. p. 113-132.
- PIMENTA, José Nerivaldo. Quero ser sociólogo. **Sociologia**: ciência & vida. São Paulo, ano 1, n. 2, p. 22-29, 2007.
- PIMENTA, Selma Garrido. A formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes pedagógicos e**

atividade docente. São Paulo: Cortez, 1999.

RIBEIRO, Márcia Maria Gurgel. **A criança e o outro:** um estudo sobre a construção da identidade pessoal. 1997. 247 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1997.

RIBEIRO, Márcia Maria Gurgel. Currículo, diversidades socioculturais e a formação de professores. In: DIAS, Adelaide Alves; MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva (Org.). Educação, Direitos Humanos e Inclusão Social: currículo, formação docente e diversidades socioculturais. 19. Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste. v. 1. **Anais.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009. p. 119-133.

RIOS, Terezinha Azevedo. Ética e interdisciplinaridade. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento.** 8. ed. Campinas: Papirus, 2006. p. 121-136.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). **Profissão professor.** 2. ed. Porto: Porto, 1999. p. 13-62. (Coleção Ciências da Educação, n. 3).

SCHÖN, Donald A. Formar professores reflexivos. In: NÓVOA, Antônio. **Os professores e sua formação.** 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997. p. 77-91.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Professor de 1º grau:** identidade em jogo. São Paulo: Papirus, 1995. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico).

SOUSA, Maria das Dores. **Identidade e Docência:** o saber-fazer do professor de sociologia das escolas públicas estaduais de Picos - PI 2012. 192 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2012

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Tradução de João Batista Kreuch. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2002